



Algumas marcas de oralidade na escrita cibernética: perpassando o viés da gramaticalização

Zuleica Aparecida Cabral¹
UEPG

Resumo: Este trabalho objetiva analisar algumas marcas da oralidade presentes na escrita do Blog, perpassando o viés da gramaticalização na linguagem cibernética. Escrever em blogs sugere o fluir de ideias sem imposição da norma considerada culta. Acreditamos que falamos com naturalidade, dando a impressão de não pensar nessa fala e, por conseguinte escrever no Blog especificamente. Esse fato desencadeia reflexões sobre a gramaticalização. A metodologia utilizada consiste na análise de “alguns blogs” para elencar exemplos de gramaticalização originadas da oralidade. Os resultados apontam que: a) texto oral advém como partida para o escrito; b) para haver fluência na escrita não se pode dogmatizar a língua/leitura/escrita; c) a gramática normativa é inerente ao texto, mas não é ponto de partida. O importante é instigar o sujeito às atividades de escrita, repensando em ampla escala sobre os processos que envolvem oralidade e escrita no viés da gramaticalização.

Palavras-chave: blog; oralidade; escrita.

Abstract: This paper aims to analyze some brands of speech present in writing on the blog genre, going through grammaticalization in the cybernetic language. Write blogs suggests a brainstorm without the imposition of the proper language, that is considered "correct". We believe that we talk to naturally, at least not thinking about how could we say and therefore how to write specifically in the Blog. This fact triggers reflections on the grammaticalization. The methodology used in the analysis consists of "some blogs" to name a sample grammaticalization of speech originated from. The results show that: a) oral text comes as a starter for writing; b) to be fluent in written we must not dogmatize the language/reading/writing; c) the grammar rules is inherent to the text, but it is not the origin. The point is to instigate the research subjects for writing activities, , rethinking on large-scale processes involving speech and literacy in grammaticalization way.

Keywords: blog; speech; writing.

1. Introdução

Tem-se vivido uma grande revolução na e pela linguagem nos últimos tempos. Uma das principais razões sobre a qual se apresenta essa revolução é devido ao advento da internet, Por possibilitar a velocidade de informações, o avanço

¹ zucabral@yahoo.com.br



tecnológico, mais especificamente nos últimos trinta anos, quando as novas tecnologias de comunicação começaram a fazer parte do cotidiano das instituições, bem como da rotina de cada pessoa. Convém ressaltar que cada vez mais, a Internet e, com ela, os comunicadores instantâneos, por exemplo, *Messenger* e *E-mails*, *Skype*, os *blogs* estão presentes na vida de milhões de pessoas no mundo todo e, assim tornam-se fundamentais para a interação entre os membros de uma certa comunidade.

O *blog* é um gênero textual muito utilizado atualmente, seja por autores anônimos, jornalistas, escritores. Há *blogs* de pesquisa, de associações, de grupos temáticos. No presente trabalho, os *blogs* analisados não são de autores conhecidos e sim de escritores anônimos que usam esse gênero como forma de exteriorizar suas ideias, expor pontos de vista, ou simplesmente utilizá-lo como diário pessoal.

Seja qual for a motivação para a escrita, o blog serviu de instrumento de análise para as marcas de oralidade presentes na linguagem cibernética, que não investe contra o todo significativo do texto, mas que deixa gramaticalizações passíveis de reflexão e marcas identitárias.

A sociedade brasileira é fortemente ligada à oralidade, pois a língua oral é mais usada como processo comunicativo interacional. Utiliza-se essa concepção pautada em Givón (1979 e 1995) de que existe um modo pragmático utilizados nas situações mais informais de fala. Dessa forma, entende-se o oral como partida para o escrito. Por mais que o autor do *blog*, devido a múltiplas influências, compreenda que escrever seja diferente de falar, o desprendimento, a motivação particular por escrever colabora para que marcas orais se mesquem ao texto escrito. Torna o texto mais flexível, liberto de amarras simbólicas de norma *curta* como denomina Faraco (2008).

É relevante ressaltar que a escrita cibernética evidencia a essência híbrida, calcada no desenvolvimento de um *Know-how*, de um saber fazer, que une aspectos da oralidade e da escrita. Lopes (2005) propõe um pensamento rizomático²:

² Rizoma é um modelo descritivo ou epistemológico proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Neste modelo epistemológico, a organização dos elementos não segue linhas de subordinação hierárquica - com uma base ou raiz dando origem a múltiplos ramos -, mas, pelo contrário, qualquer elemento pode afetar ou incidir em qualquer outro.



Pensar hipertextualmente é um pensamento se fazendo constantemente, mais parecido com a atividade própria do pensamento, pois, na escrita do papel um pensamento é um firmamento. Na escrita eletrônica, o pensamento está permanente, aberto e em movimento. (LOPES 2005, p.28)

A efemeridade e movimento do texto eletrônico desvelam escritores assíduos, críticos, com respostas rápidas e produção intensa. Não estão atrelados a preocupações de que e como fazer, “escrever assim é ou não correto”, ninguém está preso a uma norma pré-estabelecida e inibidora de inspirações. Entende-se nesse contexto a *blogsfera*³ como um instrumento na construção identitária, pois os *blogueiros*⁴ passam a ser autores da própria informação.

2. Gramaticalização

Considerando a língua uma atividade histórica e sociocultural, que se constrói no jogo interacional dos interlocutores, num determinado contexto situacional, propõe-se nesse trabalho discutir algumas ocorrências de gramaticalização na linguagem cibernética, sob uma perspectiva funcionalista. Para tanto, cabe definir o que é gramática e o que é gramaticalização. Segundo Castilho (2010):

A gramática é um sistema linguístico constituído por estruturas cristalizadas ou em processo de cristalização, dispostas em três subsistemas: (i) a fonologia, que trata do quadro das vogais e, consoantes suas distribuição na estrutura silábica, além da prosódia; (ii) a morfologia, que trata da estrutura da palavra; e (iii) a sintaxe, que trata das estruturas sintagmática e funcional da sentença. Para ordenar as reflexões sobre a gramática têm sido consideradas as diferentes classes que as compõem, as relações estabelecidas entre essas classes e as funções que elas desempenham no enunciado. Os produtos da gramática são o fonema, o morfema, o sintagma e a sentença. (CASTILHO, 2010, p. 138)

³ Blogsfera é o termo coletivo que compreende todos os *blogs* como uma comunidade ou rede social. O termo "blogosfera" foi cunhado em 10 de setembro de 1999 por Brad L. Graham como uma piada. Ele foi recunhado em 2002 por William Quick.

⁴ Blogueiro é o aportuguesamento de *Blogger* usado para denominar aquele que escreve no *blog*, segundo o dicionário priberam da Língua Portuguesa, disponível *on-line*.



A gramaticalização pode se vista como o processo de constituição da gramática. Ao se constituir de tal maneira, as comunidades elegem uma representação linguística para categorias cognitivas que se alteram ao longo do tempo. Cabe ressaltar que as categorias cognitivas, segundo Castilho (2010) são permanentes, mas a representação gramatical pode mudar. Castilho postula gramaticalização como:

A gramaticalização é habitualmente definida como um conjunto de processos por que passa uma palavra, durante as quais (i) ela ganha novas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas; (ii) transforma-se numa forma presa; (iii) e pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização interna. (CASTILHO, 2010, p.138)

Castilho (2010) enfatiza ainda que as duas vertentes teóricas acerca da gramaticalização decorrem das concepções formalistas e funcionalistas sobre gramática. Sendo que para os formalistas a gramática é uma entidade constituída por um conjunto de regras lógicas e pressupostos no discurso e, para funcionalistas ela é organizada por um conjunto de regras observáveis nos usos da linguagem, os quais surgem do discurso. Diante disso decorre que a gramática segundo (CASTILHO, 2010, p.138) “é um conjunto de parcelas recorrentes e sedimentadas, no sentido de gramaticizadas”. Nesse sentido (HOPPER, 1988, p. 118) postula que “o estatuto vai sendo constantemente negociado na fala, não podendo, em princípio ser separada das estratégias de construção do discurso”. De acordo com a visão funcionalista, existe gramaticalização e não gramática. E a gramaticalização é um processo concomitante de sincronismo e diacronismo.

Com os avanços dos estudos sobre gramaticalização pelos funcionalistas, revigorados nas décadas de 80 e 90, as pesquisas nesse campo ganharam novo fôlego. De acordo com (LOPES, 2010, p. 275) “... todos os processos de mudança eram vistos pelo viés da gramaticalização, o que criou certo ceticismo pelo nível de abrangência dado ao conceito quando se incorporou, por exemplo, os casos de discursivização”. Sendo assim, as análises feitas nos Blogs, serão pautadas numa noção ampla do conceito de gramaticalização. Lopes (2010) assevera:



Desde o século XIX, desenvolvem-se estudos que tentam explicar como se originam e se desenvolvem categorias gramaticais. Adotando uma perspectiva de caráter funcionalista, diz-se que a trajetória da mudança se dá pela regularização do uso da língua que ocorre a partir da criação de expressões novas e de rearranjos vocabulares feitos pelo falante para atender seus propósitos comunicativos. Com a repetição de uma construção ou forma, algo que é casuístico se fixa, tornando-se normal e regular, ou seja, se gramaticaliza. A contínua regularidade ocorre quando as estratégias discursivas empregadas pelo falante numa situação comunicativa perdem a eventualidade criativa do discurso e passam a ser regidas por restrições gramaticais, por isso se pressupõe que o percurso é do discurso para a gramática. (LOPES, 2010, p. 276)

Diante dessa concepção ampla de gramaticalização que não é um processo que possa se extinguir, por isso nos estudos apresentam-se evidências de que esses processos possam ser permanentes ou resquícios de etapas anteriores.

Parte-se aqui da premissa de que a linguagem pode constituir um dispositivo para a construção do conhecimento presentes nas formas de interação. A gramaticalização se deve às forças dinâmicas que atuam no processo comunicativo, ainda que haja possibilidades de outros mecanismos estruturais de natureza sintático-morfológica.

Para analisar os exemplos retirados dos blogs foi levado em consideração que o processo se relaciona à competição entre as motivações de economia e clareza e a busca por novos elementos mais expressivos para veicular estratégias interativas. Segundo (MATERLOTTA, 2010, p. 148) “Esse processo, por ser essencial ao comportamento comunicativo humano, tende a refletir o modo mais eficaz por meio do qual falante e ouvinte negociam o sentido no ato da comunicação”. Nesse sentido o falante chama implicaturas e convida o ouvinte a inferi-las.

A partir dessas considerações, pode-se resumir segundo Martelotta (2010) o processo de mudança associado à gramaticalização nos seguintes passos:

1. O item é usado com alta frequência em determinado contexto e, tornando-se altamente previsível nesse contexto, passa a apresentar baixo nível de informatividade.
2. Com isso, o item tende a perder em complexidade estrutural, o que implica fusão de formas de erosão.
3. Por outro lado, seu uso passa a requerer menor esforço em termos de atenção demandada e tempo de processamento. (...)
4. O item desenvolve sentidos menos representacionais, passando a funcionar no nível interpessoal.



5. Os usuários buscam novas formas para expressar a ideia indicada pelo item que cumpre o processo de mudança, concretizando o fenômeno de renovação. (...) (MARTELOTTA, 2010, p.149)

Tais passos elucidam o funcionamento da língua de modo regular e constituem um processo de gramaticalização. Esse processo pode ser visto nos parâmetros de gramaticalização propostos por Heine e Kuteva (2006) que são a extensão assinalada pelo desenvolvimento de usos em contextos novos; a dessemantização marcada pela perda de conteúdo semântico, a decategorização distinguida pela perda de propriedades das formas incluindo perda de *status* e a erosão caracterizada pela perda de sustância fonética. Nesse ínterim, acredita-se que o falante/ouvinte negocia os significados linguísticos, utilizando o contexto e as situações extralinguísticas.

3. Escrita e oralidade

Há muito se ouve dizer que escrever é mais difícil do que falar e, nos bancos escolares a reclamação sempre latente “de eu não sei escrever”, “quantas linhas é pra fazer”, “como começar”. Indagações que refletem a imposição de uma “norma considerada a correta”. Historicamente, ainda é muito comum aprender a escrever pautado num manual, numa gramática, pautado em inúmeras regras, nomenclaturas, exceções. Frente a tantos obstáculos criou-se uma barreira para escrever. Tudo muito imposto, muito arbitrário. Escrever significava dar margem à caça ao erro, da exposição ao ridículo.

Falar é muito mais fácil, afinal a língua oral nasce no berço, via natural, sem esforço. Chegamos à escola falando. De repente, descobrimos que falamos “errado”, que existe uma língua dita “certa”. Descarregam um caminhão de regras, definições e exigem que falemos conforme a autoridade simbólica de um manual. Quanto a escrever, as regras duplicam. Não devemos escrever como falamos.

Aprendem-se normas para escrever. Determina-se como começar e terminar. Macetes cansativos que tem de vir à tona no instante de começar a escrever. Essa falsa autoridade sobre a língua faz o outro se sentir incapaz, inferior, infeliz. Tudo por meio



de práticas de linguagem direcionadas, impostas e arbitrárias. As línguas podem ser perfeitos instrumentos de comunicação, mas também podem ser meios de dominação, conforme Scherre (2005):

[...] diante do papel desumano que podemos desempenhar por meio de línguas humanas, como exercício do poder desmedido, a prática do preconceito linguístico sem lei, que nos leva a subjugar o outro, a alijar o outro no processo produtivo, a diminuir a autoestima, a fazer o outro se sentir incapaz. (SCHERRE 2005, p. 10)

A história da humanidade revela que certo e errado são noções relativas. No dia a dia, essa relação passa a ser encarada como valores absolutos e, algumas vezes imutáveis. Mesmo pessoas que analisam os fenômenos linguísticos de maneira mais objetiva, de alguma forma emitem juízos que revelam essa crença a qual reflete o preconceito linguístico, como postula Scherre (2007).

O ideário dominador e elitista ainda necessita de muito trabalho de análise e pesquisa, com vistas a uma mudança de posição. Primeiramente aos defensores ferrenhos de uma norma-padrão. Norma de prestígio que está arraigada por séculos em nossa cultura. Bortoni-Ricardo (2005) assevera:

O prestígio associado ao português-padrão é sem dúvida um valor cultural muito arraigado, herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação. Podemos e devemos questioná-lo e desmitificá-lo e demonstrar sua relatividade e seus efeitos perversos na perpetuação das desigualdades sociais, mas negá-lo, não há como. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14)

O ensino sistemático da língua é uma atividade impositiva, a escola não pode ignorar as variações da língua. Essa cultura do padrão tinha a língua como homogênea, estanque, engessada, passando a falsa ideia que se deve escrever dessa forma. E, do outro lado estão àqueles que enxergam a diversidade, a variação da língua. Sua heterogeneidade que dificulta postular uma norma. Defendem com apreço a respeitabilidade às diferentes formas. Aponta (SCHERRE 2005, p. 24): “Não há como negar: a variação linguística é parte inerente da linguagem humana e, como tal, precisa



ser analisada, registrada e utilizada com mais naturalidade por todos nós”. Pessoa alguma pode ser desrespeitada pela língua que fala.

Labov citado por Scherre (2005) aduz que:

[...] quando estamos completamente envolvidos com o conteúdo de nossa fala, deixamos de nos policiar e deixamos o vernáculo emergir, vernáculo este que nem sempre coincide com as formas codificadas pela tradição gramatical, às vezes considerada como as únicas formas legítimas por parte de muitos legisladores e usuários da língua. (LABOV *apud* SCHERRE, 2005, p.66)

Fala e a escrita, são duas formas indissociáveis que se completam e diferenciam em linhas tênues. Destarte, não podemos dogmatizar a língua/leitura/escrita e sim explorar de maneira prazerosa. A gramática é inerente ao texto, mas não podemos entendê-la como partida, quem sabe como balizamento, mas não como início. Corre-se o risco da imposição e, por conseguinte a desmotivação. Primeiramente, deve-se instigar o sujeito a descobertas, às variedades, a diferentes formas de dizer a mesma coisa. Não demonizar com padrões, regras, etiquetas. Deixar fluir o pensamento, libertar o sujeito de amarras simbólicas.

Pensar em normas para escrever, mascara a identidade do autor. Certo e errado não são conceitos absolutos. Na própria gramática histórica, o que é tachado como erro hoje já foi norma no passado. (SAID ALI *apud* OLSON 1995, p. 268) completa que “não há nenhum uso da escrita, por mais importante, que justifique estigmatizar como inferior metade da humanidade”.

O trabalho com a língua em uso deve constituir o instrumento de reflexão. A visão entre fala e escrita passou atualmente a ser vista como modalidades de uso da língua e práticas sociais de igual valor.

Oralidade e escrita são práticas e usos de língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2001, p.17)



A escrita é tão heterogênea quanto à fala. Simbolizam relações de poder e possibilitam a organização social e a comunicação interpessoal. Assim passam a ser entendidas como identidade cultural do falante e não apenas como “erro”.

4. O blog e suas marcas orais num processo de gramaticalização

As alterações de uma língua não são aleatórias. Bagno (2007) explica que se trata de inovações que são utilizadas na fala e, depois de aceitas e reconhecidas, começam a aparecer nos textos escritos. Nesse sentido, é a partir da língua falada que surgem as mudanças. As marcas de oralidade que se verificou nos *blogs*, são compreendidas com formas variantes de uso da língua, portanto analisadas para entender que não se trata de uma possível transformação da língua em curso, mas possíveis marcas de gramaticalização.

Como já citamos anteriormente, a gramática não é a partida para dar início à escrita do texto, pois não há necessidade de conhecer todas as regras pré-estabelecidas pela gramática normativa para escrever, todo sujeito traz consigo uma gramática internalizada, um conhecimento de mundo. A partir desse conhecimento do “senso comum” o texto começa a surgir sem refletir sobre normas. Afinal, existe uma gramática acabada ou ela está em constante gramaticalização? Expressões que se esvaziam semanticamente e outras que passam ser mais gramaticais mudam de categoria, outras ainda podem desaparecer.

Partindo disso, vamos nos ater à análise dos textos dos *blogs* nas expressões com usos de algumas conjunções e sintagmas. Os exemplos aqui citados foram retirados de alguns *blogs* que circulam pela rede nas *blogsferas* da aldeia global⁵.

Retiramos exemplos de construções que refletem a questão da gramaticalização nesse contexto autêntico que é o *blog*. Vejamos o exemplo:

⁵ O conceito de aldeia global, criado pelo sociólogo canadense Marshall McLuhan (1971), quer dizer que o progresso tecnológico estava reduzindo todo o planeta à mesma situação que ocorre em uma aldeia.



*É por **aí** que eu percebo o quão ignorante o mundo é. Tudo aquilo que vemos **aí** fora, quando abrimos nossos olhos, cada grão de areia, cada gota d'água, cada folha de árvore, tudo, tudo é o mesmo para todos. O que é concreto é visível e único,*

Os vocábulos destacados poderiam ser usados como advérbios para indicar um lugar indeterminado. No entanto, compreendemos a primeira ocorrência como um elemento anafórico de um parágrafo anterior e a segunda ocorrência sim como advérbio de lugar, referindo-se ao “mundo” exterior que autor comenta.

No exemplo que segue:

*Porra será que a droga do time esportivo para o qual você torce faz você ter vontade de sair por **aí** se achando superior? **Você** menospreza homossexuais só porque **ta** na droga do teu Livro Sagrado que o certo é o homem viver com a mulher? A resposta para tudo isso é sim! Que vergonha! A resposta do mundo é sim! O preconceito existe! Religião, política, opção esportiva e sexual... Se você não respeita isso, **cara**, pode ficar tranquilo, pois você não está sozinho. Infelizmente...*

O autor do texto expõe seus pontos de vista de maneira incisiva que resvala nas expressões mais agressivas. O sujeito *cara* pode ser analisado como um elemento enfático nominal e de uma maneira genérica, ou seja, o autor do texto pode se referir a um leitor específico ou a todos os outros leitores como passivos de sua chamada. *Cara* também é visto como anafórico do pronome *você* em destaque. Além deste também ser catafórico da expressão *cara*, o que se compreende como uma chamada íntima a múltiplos outros vocês. *Aí* destacado remete a um advérbio de lugar indeterminado, indicando que são muitos lugares que os interlocutores frequentam e que, portanto não há como identificá-los.

Analisemos os exemplos abaixo:

*E maldito seja esse **discursinho** apelativo sobre sensações controláveis! É muito bonito, muito correto, mas e **aí**? Blá, blá, blás esses desvarios que não chegam à conclusão nenhuma e acabam virando **filosofiazinha** de almanaque na cabeceira da cama de quem prefere não abrir os olhos para nada. A verdade é: viver transforma **a gente** em pensantes medrosos. Afinal, viver é perigoso, não é João?
você não vai se dar bem ao usar palavras que não condizem com aquele momento. Numa conferência muito importante dentro de um palácio lotado com as pessoas mais influentes do mundo, **você** não vai cumprimentá-los dizendo “**Fala aí, povo, beleza?**”, **não é?** ! Agora vem a grande e problemática questão: **e daí?**! Você merece cair **de cara no estерco** se disser que estes regionalismos são estranhos ou indecifráveis. Existe um leque de sinônimos muito maior do que **você** imagina*



Observamos que o sufixo [inho] mostra o tom informal de desdém e desaprovação do autor, usando num sentido depreciativo bem marcado. A expressão **a gente** é usada para substituir a primeira pessoa do plural, atualmente muito utilizada em situações informais, na linguagem coloquial como cita Faraco e Moura (1999, p.287) em sua gramática.

Com esse emprego, *a gente*, o autor o texto inclui-se como participante da situação relatada. Os autores mencionados afirmam que a língua culta tende a rejeitar essas construções comuns da fala. Tende a rejeitar não quer dizer que não possam ser usadas, e conforme o gênero em que é empregado, é uma expressão que podemos dizer, é de uso comum.

Nos exemplos, com os termos “e aí”, “e daí!” são modalizadores ou articuladores textual? Argumento? São situações que remetem a um estudo sobre gramaticalização, provando assim a heterogeneidade da língua, demonstrando a impossibilidade de definir regras estanques ou conceitos pré-determinados. Compreendemos o primeiro *aí* como um modalizador, no qual o autor indaga ao interlocutor *o que fazer?* Na segunda aparição de *aí*, entendemos como um articulador textual para não nominar um possível sujeito presente na cena. A expressão *e daí?* é analisada como uma expressão de realce, promulgando o desinteresse do autor com a opinião dos outros. Os pronomes *você(s)* remetem à situação informal, como se o texto fosse a transcrição de um conversa entre locutores muito íntimos. Podemos confirmar essa informalidade no emprego do sintagma *de cara no estерco*.

Analizamos agora a expressão *só*:

Veja só! Guardamos dinheiro em demasia para cuidar de problemas médicos e não viajamos,

No exemplo em destaque, não direciona ao advérbio somente, nem mesmo ao adjetivo *só*, sozinho. Contudo, percebemos como um articulador argumentativo, remetendo a ideia de que é para observar somente um dado, um argumento e/ou uma dada situação. Portanto, uma nova forma gramatical.

Comentamos outro exemplo no trecho que segue:



Sabe, não quero ficar nessa de nascer, crescer, estudar, trabalhar e morrer.

Saber nessa oração perdeu seu valor de verbo e adquire um novo sentido. Acreditamos que possa, nessa situação, ser um articulador discursivo que realça as vontades implícitas do autor do texto.

Comentamos a seguir, ocorrências com “achar”:

*Os que escrevem tentam incessantemente **achar** meios de fazer com que nós, leitores, possamos entender o que eles dizem.*

***acho** inútil aprender cálculos, formas verbais, fórmulas e coisas mais,*

***Não achei** que minha performance tenha sido tão horrível quanto parece que foi, mas encaro agora que não fui nada bem.*

A forma verbal *achar*, nos exemplos acima, na primeira ocorrência, aparece com sentido de *encontrar*, já na segunda e na terceira, talvez, como *acreditar*. Nas três ocorrências aparecem com sentidos diferentes, mas com função modalizadora que codifica a incerteza em relação àquilo que está afirmando.

Temos, ainda, exemplos como:

*É a nossa linguagem. É o fazer entender. O modo como sabemos o que o outro quer. Não é preciso ser conhecedor de todas as palavras da língua portuguesa para viver. **Aliás**, tem gente que vive muito com bem menos que isso, **pode acreditar**.*

Aliás, aqui, é uma contrajunção que enfatiza a ideia do que é comum, que essa afirmação é simples e que “todos” deveriam entendê-la dessa forma. A locução verbal *pode acreditar*, compreendemos que nesse fragmento perde seu valor verbal e passa a ser nominal se a substituirmos pelo sintagma por “tenha certeza da minha afirmação”. Dá ênfase reforçando ao que foi dito.

Destacamos outro trecho:

*Quero **encarar** meus inimigos **cara a cara**, fazer deles minha **ultima visão***

No exemplo podemos perceber a redundância em encarar/ cara a cara. Chama a atenção, no entanto, verificando o texto na íntegra, que foi objetivo do autor “jogar” com expressões metafóricas, cacofônicas, paradoxais, etc. Há um reforço com o emprego da forma verbal *encarar*, já que *cara a cara* possui o mesmo lexema.



Um último exemplo:

Não confunda-se com não ter regras e não ter punições. O amor é muito poderoso e por não ter regras pode machucar muito

Nesse último exemplo, podemos perceber nitidamente os usos enclíticos confusos, sem analisar uma questão de gramaticalização, mas sim o não domínio de normas gramaticais. Confirma-se que na fala há certa despreocupação em aplicar regras prescritas pela gramática do nosso idioma.

Marcas orais de diferentes situações, afinal o texto específico do *blog* não é um texto monitorado, no entanto não descaracterizam seu caráter textual, sua coesão e coerência, seus articuladores. Ao contrário, desvela o conhecimento, o criticismo dos autores em suas colocações. Podemos dizer que é um texto dentro de um gênero específico e diferenciado em relação às suas normas, além de ter outras motivações. Conforme Faraco (2008):

Como as normas são, em geral, fator de identificação do grupo, podemos afirmar que o senso de pertencimento inclui o uso das formas de falar, características das práticas e expectativas linguísticas do grupo. (FARACO 2008, p.41)

Não nos cabe aqui determinar qual o grupo a que pertencem os autores dos exemplos usados, apenas explicitar marcas orais e comprovar que mesmo com pinceladas da oralidade o texto não se desfaz e nem se descaracteriza. Pelo contrário, são discursos repletos de argumentos, de pontos de vista, de desabafos, de pura liberdade. Escrevem, e escrevem sem medo, embasados em conhecimentos de mundo ou conhecimento específico. No entanto, partindo do oral como se fosse uma conversa, constroem textos dotados de significação e conteúdo.

No quesito gramática, o texto também não se desarticula. Faz parte de outro gênero, contudo com marcas gramaticais internalizadas e usadas de maneira coerente e “correta” para aqueles que defendem um padrão normatizado de maneira mais ferrenha. Há marcas gramaticais as quais pudemos observar que perpassam pelo viés da gramaticalização.



Escrever ou falar são temas não para serem defendidos como o certo ou errado, primeiro a fala depois a escrita, mais importante ou menos importante. São temas para uma reflexão apurada e, principalmente, como professores de língua levar o aluno à reflexão sobre seus usos da/ nas diversas situações de comunicação.

5. Considerações finais

Por meio da análise dos *blogs* pudemos perceber que a oralidade se mescla à escrita com muita frequência. Na perspectiva da gramaticalização foi possível observar que as marcas de oralidade operam junto com o dinamismo das línguas. A criação de novas expressões ou a imersão de expressões orais na escrita é feita para atender aos propósitos comunicativos. Aquilo que é casuístico tende a se fixar e a se tornar regular, ou seja, se gramaticaliza.

Os “Aís” usados nos textos também chamam atenção para a gramaticalização. Qual o papel desse *aí* no contexto: advérbio, modalizador, articulador textual? Os autores acabam usando o termo como coringa para explicar uma indeterminação seja de lugar ou de tempo.

Pudemos comprovar nessa perspectiva que o texto não parte da gramática, o texto aparece com diferentes nuances e variações e a partir da própria produção faz-se reflexão sobre a norma e a padronização. O respeito às diferenças linguísticas possibilita o gosto pela escrita, a troca de ideias, exposição de pontos de vista e até mesmo desabafos ou impressões. Essa franqueza no colocar as palavras no papel, aflora a identidade do sujeito/autor do *blog* e permite tecer reflexões sobre a própria subjetividade, como um processo de se reconhecer continuamente.



Referências

- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & Educação**. São Paulo: Parábola Editoria, 2005.
- CASTILHO, Ataliba de Castilho. **Nova Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO, José Hamilton Jr. **Gramática – Edição reformulada**. São Paulo: Ática, 2009.
- GIVÓN, Talmy. **Functionalism and Grammar**. Armsterdan: John Benjamim, 1995.
- _____. **On Understanding Grammar**. New York/San Francisco/ London: Academic Press, 1979.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs) et all. **Introdução à Gramaticalização. Princípios teóricos & aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HOPPER, P. J. **On Some Principles of grammaticalization**. In: TRAUGOTT, E. e HEINE, B. (Ed). **Approaches to grammaticalization I**. Arsmesterdã: John Benjamins, 1988.
- LOPES, Andréa Carreiro Kubitschek. **Da possibilidade de exercício de memória criativa: internet, blogs, e bloggers**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UNIRIO. PPGMS, 2005.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. **A persistência e a decategorização nos processos de gramaticalização**. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (Orgs) **Estudos e processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p.275-314
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **O papel da linguística no Ensino de línguas**. In. **Investigações: Linguística e Teoria Literária**. UFPE – Vol 13/14, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Unidirecionalidade na gramaticalização**. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (Orgs) **Estudos e processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p. 139-171.
- OLSON, D. e TORRANCE, N. **Cultura Escrita e Oralidade**. São Paulo: Ática, 1995.
- PERINI, Mário A. **Sofrendo a Gramática**. São Paulo: Ática, 1997.
- PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.
- SAID ALI, M. **Gramática histórica do português brasileiro**. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**.